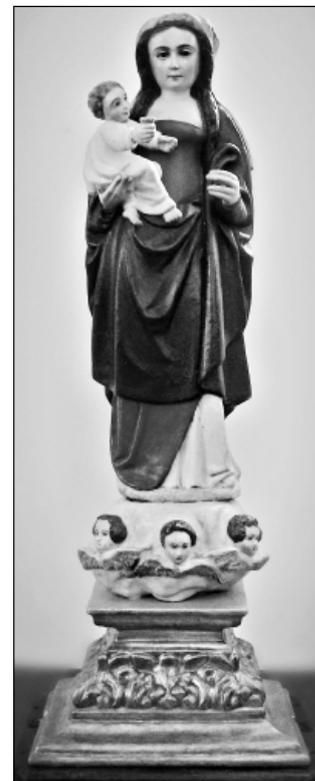


Apoio: **Direção Regional da Cultura** Entidade Promotora: **Cresaçor** Entidades Parceiras: **Instituto Cultural de Ponta Delgada | Instituto Histórico da Ilha Terceira | Núcleo Cultural da Horta** Conselho Editorial: **Pedro Pascoal de Melo** Conselho de Redação: **Pedro Pascoal de Melo, Célia Pereira, Marta Bretão e Guilherme Pinto de Sousa**

A imagem de N.^a Sr.^a dos Milagres (Vila do Corvo): história, lenda e festa



HISTÓRIA

A imagem da padroeira do Corvo é de origem flamenga, do século XVI, mais concretamente da escola escultórica de Malines, e tem 43 cm de altura. A primeira referência, que se encontra à imagem, data de 1684 e deve-se ao padre Manuel Silva, da matriz da Horta, aquando da sua visita pastoral à ilha: «Primeiramente achei a veneranda imagem milagrosa da Senhora do Rosário em tal estado que não havia nela mais do que uma *cabela* [sic] e algumas roupas sem braços e menino que se nela havia sustentar com a mesma desconformidade, razão que me obriga mandá-la tirar do altar e levá-la em minha companhia para as ilhas, para lá se consertar, em cujo lugar mandarei pôr outra imagem da mesma Senhora de jaspe, que o Padre terá cuidado mandar àquela ilha das Flores entregar a seu dono o Padre Vigário Gaspar Velho, chegada que for a Senhora proprietária desta igreja, que sem falta espero dar-lha nos primeiros barcos do ano que vem de 1685» (in *Livro das Visitações*).

A segunda referência pertence ao visitador António Álvares Pereira e Sousa, cura de S. Bento, por volta de 1692. Diz ele o seguinte: «Visitei a imagem prodigiosa da Senhora do Rosário, Padroeira desta igreja, em seu nicho muito bem guarnecido, com toda a perfeição colocada e, com a mesma, as imagens de

São Pedro e do seráfico São Francisco» (in *Livro das Visitações*). A título de curiosidade, nas visitas pastorais, imagem é designada por Senhora do Rosário até 1707, passando a partir de 1712 a Nossa Senhora dos Milagres. Nas restantes visitas não é feita nenhuma referência específica à imagem da padroeira. Actualmente, a imagem encontra-se adornada com uma série de adereços, na sua origem inexistentes. Realce-se as coroas em ouro, um terço (no pescoço) e uma flor (na mão esquerda) do mesmo metal.

LENDA

Existem algumas histórias e lendas sobre Nossa Senhora dos Milagres. A primeira é sobre o seu achamento. De acordo com a tradição, a imagem teria sido encontrada, no rolo do Porto da Casa, dentro de uma caixa, com a indicação de que deveria ser construída uma ermida junto ao local onde desse à costa. Na realidade, o primeiro templo da ilha foi edificado no Canto do Porto da Casa. Em Lisboa, quando se soube da notícia, ordenaram que a imagem fosse para ali transportada e colocada numa igreja da cidade. Aí, todas as manhãs, encontravam o manto da imagem sempre molhado de água salgada. Desse facto se inferiu que Nossa Senhora a viajava todas as noites para a ilha do Corvo, regressando de ma-

nhã ao seu local. Perante isto, foi decidido enviar a Senhora, de novo, para aquela ilha. A segunda prende-se com um facto histórico de que nos dá conta um documento impresso em Lisboa em Outubro de 1632, na oficina de Mateus Pinheiro, intitulado *Relação breve da grande e maravilhosa vitória dos moradores da ilha do Corvo contra dez poderosas naus de turcas que a ela foram para a roubar e cativar*. Nesse documento, da autoria do padre Inácio Coelho, é descrito o assalto à ilha, a 23 de Junho de 1632, por parte de dez naus turcas, o modo como os habitantes resistiram bravamente a esse ataque e os milagres que aconteceram, nomeadamente os tiros não ferirem os defensores mesmo quando atingidos pelas balas. Era testemunho disso a carapuça de um corvino que tinha sido furada nos dois lados por um «pilouro» sem que o seu proprietário tivesse sofrido algum dano. Estes factos são descritos como «obras do céu, defesa e maravilha da Virgem Mãe». Na tradição oral, conta-se que a imagem teria sido levada em procissão para a Cana da Rocha. Dali ela rechaçava, com as mãos, cada tiro que, no retorno, matava sete dos assaltantes.

FESTA

A festa da padroeira, a 15 de Agosto, é a mais importante

que se celebra na ilha. Como em todas as festas deste tipo, há uma vertente religiosa e outra profana.

A parte religiosa começa nove dias antes da festa. É a chamada *Novena*. A partir do dia 6 daquele mês, ao fim do dia, é rezado o terço. Antes, havia também sermão que, actualmente, foi substituído por missa. No dia 14, costumava haver a procissão das velas. Esta tradição já não existe.

Na manhã do dia 15 há uma intensa azáfama por parte dos corvinos, que procedem à feitura do tapete de musgão e flores nas ruas que vão ser percorridas pela procissão, que ocorre depois da missa solene. As noites dos dias 14 e 15 são preenchidas por uma quermesse, arrematação das oferendas, música e petiscos.

Relacionado com a festa há ainda a referir as *luminárias* e os *romeiros*. As luminárias são pequenos fogos feitos ao longo da Fortaleza, local que, pela sua posição estratégica, servia de defesa à população aquando dos ataques à ilha. Antes, elas eram acesas durante a procissão das velas. Actualmente, acendem-se na noite do dia 15. Os romeiros eram os florentinos que vinham para a festa e se alojavam em casa de corvinos. Vinham sobretudo da Fajã Grande.

JOÃO SARAMAGO

Núcleo Cultural da Horta

INFORMAÇÃO ÚTIL

IGREJA MATRIZ DE N.^a SR.^a DOS MILAGRES (SÉC. XVIII-XIX)

LOCALIZAÇÃO:

Rua da Matriz, Vila Nova do Corvo, ilha do Corvo.

COORDENADAS GPS:

39°67'19"N - 31°11'15"O

OUTROS LOCAIS DE INTERESSE NAS REDONDEZAS:

Núcleo urbano de Vila Nova do Corvo (Conjunto Protegido, Resolução n.º 69/97, de 10 de Abril); Casa do Espírito Santo (séc. XIX); Ecomuseu do Corvo; Moinhos de vento (séc. XIX-XX).

